

RUMOS E ROTAS DA IMAGEM E DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Raimundo Martins*

Resumo

A partir de uma visão educacional, este artigo aborda arte e imagem como matrizes de cultura, destacando suas diversificadas formas de produzir e mediar valores e significados. Analisa a experiência visual e seus repertórios articulando-os como fluxos e trânsitos entre conhecimento objetivo e subjetivo. Examina o trabalho pedagógico com artefatos visuais como condição para que professores e alunos participem e interajam em espaços de diversidade e diferença. Discute o conceito de interpretação como agenciamento político e cultural que responde à renovação epistemológica e metodológica que a cultura visual se propõe a realizar.

Palavras-chave: Cultura visual. Trabalho pedagógico. Interpretação.

Uma das grandes transformações que testemunhamos nas últimas décadas refere-se ao fenômeno da imagem. Tomadas como foco de reflexão, podemos constatar que as imagens estão presentes no nosso cotidiano e, conseqüentemente, se constituíram tema de interesse comum. Elas são objeto de estudo e conhecimento, refletem mudanças e inovações culturais na contemporaneidade, intensificando seus impactos em relação a questões educacionais.

A cada dia se amplia a distância entre a riqueza e o espectro da experiência visual e nossa habilidade para compreender e avaliar tal experiência. Essa distância, ao mesmo tempo em que nos sufoca e amedronta, também nos arrasta, desorienta e silencia sem que tenhamos tempo e possibilidade de refletir, compreender e construir uma visão crítica sobre esta convivência com as imagens. No trabalho, nossas atividades estão sendo mediadas ou dirigidas por aparatos imagéticos que exigem, cada vez mais, tempo, habilidade e perspicácia para negociar tarefas, sentidos e significados.

Imagens, sejam elas de arte, ficção, publicidade, informação ou entretenimento, são aparatos simbólicos e materiais que veiculam a produção de objetos artísticos e culturais. Como aparato simbólico, as imagens são veiculadas através de diversificados tipos de suporte material como livros, CDs, revistas, jornais, TV, outdoors, galerias, filmes, computadores, celulares e assim por diante, caracterizando uma produção cultural que é difundida pela mediação de diferentes tecnologias. Estamos falando de uma produção cultural realizada, com frequência, em escala industrial, veiculada de maneira sistemática por instituições e/ou empresas das áreas editorial, televisiva, cinematográfica, fotográfica, artística, educacional e publicitária que fazem circular ideias, informações, referências, estilos de vida, comportamentos, fantasias, desejos, etc.

É praticamente inevitável relacionarmos o fenômeno ou as culturas da imagem à arte e à educação. Sendo mais específico, partimos do princípio de que imagens são agentes de socialização ou, dizendo de outra maneira, agentes sociais da educação.

* Doutor em Educação/Artes pela Universidade de Southern - Illinois(EUA), pós-doutor pela Universidade de Londres (Inglaterra) e pela Universidade de Barcelona (Espanha), onde também foi professor visitante. É Professor Titular e Diretor da Faculdade de Artes Visuais, docente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado/Doutorado, da Universidade Federal de Goiás. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec) do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (RS) e do Grupo de Pesquisa Cultura Visual e Educação (GPCVE) do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. E-mail: raimarmartins@uol.com.br

Ao usar o termo culturas da imagem, tomo como referência a noção de cultura como “produto da atividade material e simbólica dos humanos; cultura como capacidade dos indivíduos de criarem significados, potencial humano de interagir e se comunicar a partir de símbolos” (SETTON, 2010, p. 13). De acordo com essa abordagem, discutir ou refletir sobre as imagens a partir da perspectiva da educação é reconhecê-las como produtoras e mediadoras de cultura. É, ainda, reconhecer que as culturas das imagens, nas suas formas diversificadas, produzem significados e valores que nos constituem como sujeitos, indivíduos, identidades e subjetividades.

Desse modo, conceber ou tratar as imagens como matrizes de cultura é pensá-las como sistema de símbolos com características próprias que constituem e instituem o mundo social contemporâneo. É estudá-las e analisá-las como formas simbólicas – ações, ideias, objetos, produções, expressões – que têm origem em processos históricos específicos e socialmente situados, formas produzidas, disseminadas, apreciadas e consumidas por diferentes seguimentos da sociedade.

Mas vale ressaltar que estamos tomando como referência sociedades ocidentais e capitalistas nas quais a cultura imagética é produzida em contexto social hierarquizado, permeado por gritantes diferenças sociais que se intensificam através de injusta distribuição de poder e privilégios. Assim, buscar compreender as culturas das imagens de nosso tempo pode abrir caminho para entender a sociedade em que vivemos, suas contradições, seus conflitos internos, seus dilemas educacionais e, sobretudo, seus medos e suas utopias.

Nos dias de hoje, não cabe discutir o fenômeno das imagens sem levar em consideração a complexidade das relações que elas articulam com outras instâncias de comunicação, de manifestação. Não cabe discuti-lo, principalmente, sem levar em conta a influência e o impacto que as imagens exercem sobre a identidade, a

subjetividade, ou seja, sobre a vida das pessoas. Embora as imagens possam ser consideradas ou tratadas como artefatos que veiculam e representam uma nova maneira de fazer cultura, elas não agem sozinhas porque são produzidas por indivíduos profissionais, para ou por empresas, em escala industrial, ou simplesmente por leigos, amadores, diletantes, curiosos e para múltiplos fins.

Abordadas como artefatos educativos, as imagens podem articular informações, significados e valores que influenciam e até mesmo orientam/direcionam as pessoas a se posicionar em relação à ideias, a formar opinião sobre problemas e situações e, principalmente, a construir algum tipo de compreensão sobre o mundo em que vivem. Podemos dizer que as práticas contemporâneas do ver, caracterizadas pelo intenso convívio e exposição à imagens, são uma espécie de intercâmbio ou troca, ato visual que pressupõe e exige algum tipo de negociação de informação.

Assim, como a prática pedagógica ou a ação docente, as imagens falam para alguém, dizem algo de nós ou para nós, estão prenhes de ideias e conteúdos, embora não saibamos, *a priori*, como e por quem essas ideias, conteúdos e informações serão apreendidos. A prática de transmitir ideias, conhecimento e valores, com ou através de imagens, é um “ato pedagógico e, portanto, também, comunicativo” (SETTON, 2010, p. 10).

No mundo contemporâneo, avanços tecnológicos e, em decorrência, a sofisticação dos meios de comunicação e da publicidade, contribuíram de forma significativa para um estilo de vida no qual a espetacularização e consumo das visualidades ganharam força e preponderância. Daí a necessidade de discutir e refletir sobre o papel ideológico e a função pedagógica das imagens. Não podemos continuar ignorando essa realidade e, portanto, é nossa responsabilidade estudar, pesquisar e compreender esse fenômeno, educando os alunos para desenvolver atitude e visão crítica que os ajude a não se tornar reféns das imagens.

DESVELANDO NUANCES DA CULTURA VISUAL

A relação entre o que vemos e o que sabemos é potencializada e ganha contornos específicos quando consideramos não apenas a vitalidade, mas, também, a força das imagens que invadem de maneira ostensiva diferentes dimensões da vida humana, influenciando e até mesmo persuadindo comportamentos, impondo preferências, simulando e inculcando, subliminarmente, desejos e expectativas. Diante dessa situação, faz-se necessário discutir a materialidade e a virtualidade das imagens visuais no horizonte das nossas preocupações pedagógicas para entendê-las e trata-las como objetos, artefatos que participam e impactam as relações sociais e educacionais. Como explica Mitchell (2003, p. 29), “a visão e todas as formas visuais constituem a expressão de relações de poder, nas quais o espectador domina o objeto visual, enquanto as imagens e seus produtores exercem poder sobre os observadores.”

A variedade de maneiras para veicular imagens através de livros, revistas, filmes, televisão, celulares, outdoors, Orkut, Facebook, objetos de arte e web que dispomos na contemporaneidade caracteriza o corpus com o qual a cultura visual trabalha. Ou seja, uma “diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22). Colocando de outra maneira, podemos dizer que a cultura visual é um

“movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, [...] as maneiras subjetivas e intersubjetivas de ver o mundo e a si mesmo”. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22)

Nossos modos de ver são dirigidos por regimes escópicos, isto é, enquadramentos, padrões e referências sociais, filtros produzidos pela cultura e incorporados

durante nossa trajetória e história pessoal. Por esta razão, a cultura visual também pode ser entendida como um modo de ver, perceber, pensar e dar sentido ao mundo. Deve ser compreendida como uma abordagem que inclui todos os artefatos visuais, formas e modos de pensar que frequentam e povoam nossa percepção na vida cotidiana.

Como campo de estudo e pesquisa, a cultura visual aborda e discute os processos do ‘ver’ como práticas sociais que se constroem em contextos particulares, alicerçados em experiências vividas e situadas historicamente. O foco principal desse campo emergente inclui a produção, circulação e consumo de imagens e artefatos artísticos, mas, especialmente, as interações entre indivíduo/observador e objeto/artefato. Ao estudo de manifestações “imagéticas” da cultura acrescenta-se, ainda, a importância de compreender os mecanismos de produção de significado socialmente construídos e, portanto, flutuantes, mutáveis, dependentes do contexto, de práticas comunitárias ou sociais e, principalmente, da época e do espaço afetivo em que foram ou estão sendo vividos. Esses mecanismos têm um caráter relacional, dialógico e, conseqüentemente, não são pré-estabelecidos ou imanentes à imagens, objetos e artefatos visuais.

Explicando de outro modo, as imagens não trazem, não carregam um significado próprio, peculiar, a ser revelado ou decifrado. Os significados das imagens emergem num espaço de mediação recíproca, na interação entre imagem/objeto e indivíduo/espectador. Assim, quando falamos de visualidade, nos referimos a um espaço de mediação que deflagra um processo de sedução, rejeição e/ou cooptação que se constrói, como já dito, a partir da interação dos indivíduos com imagens ou objetos/artefatos artísticos.

Esse processo tem sua origem na experiência visual. Podemos caracterizar a experiência visual como uma espécie de cosmos imagético que nos envolve

ao mesmo tempo em que nos assedia, sugerindo e até mesmo gerando links com nossos repertórios individuais. Esses repertórios individuais incluem imagens de infância, de família, de amores, conflitos, acasos, azares e dissabores. Enfim, são imagens associadas a situações marcantes que, por razões diversas, preservamos para nos proteger das emoções que elas acionam ou, ainda, que guardamos com afeto – e nos reservamos o direito de reviver as emoções que elas desencadeiam apenas em épocas ou momentos especiais. (MARTINS, 2009, p. 34)

Por isso, podemos dizer que a experiência visual e seus repertórios funcionam como via de acesso, como uma espécie de ponte que possibilita fluxos e trânsitos entre conhecimento objetivo e subjetivo. Encharcados de experiências vividas e demarcados por referências culturais, esses repertórios influenciam e, de certo modo, orientam, dirigem, nossas práticas de ver.

ARTE, IMAGEM E TRABALHO PEDAGÓGICO

O trabalho pedagógico com artefatos visuais – arte, imagem, objetos – abre espaço e cria condições para que professores e alunos participem e interajam em espaços de diversidade e diferença, convivendo com situações de indefinição e instabilidade, situações ambíguas que, a partir de atividades concretas, podem ajudá-los a compreender que o conhecimento é sempre provisório e contextual. Discussão e reflexão, realizadas a partir dessas atividades, podem gerar ideias e conceitos, modos de brincar artefatos visuais incorporando-os a redes de sentidos e significados que podem ser feitos, refeitos e desfeitos em múltiplas configurações e situações de aprendizagem no ambiente escolar. Precisamos estar atentos para o fato de que, como artefatos sociais, arte e imagem sempre vêm acompanhadas, vestidas ou revestidas de opiniões e pontos de vista coletivos e individuais, profissionais e pedagógicos que exprimem valores, preferências, preconceitos e sotaques às vezes conhecidos, mas muitas vezes estranhos.

Imagens e ideias, com frequência, se apresentam de forma híbrida, sutilmente permeada por interesses ideológicos e comerciais passíveis de serem hierarquizados e, portanto, vulneráveis à manipulação de grupos hegemônicos. Assim, os artefatos visuais são, de certa forma, o resultado de influências e vivências de territorialização social e visual e, por esta razão, estão sempre embebidos por significados culturais e valorações sociais.

O espaço da experiência visual é, também, espaço de ação de professores e alunos, partícipes no processo educacional no qual as práticas escolares devem afirmar e confirmar seu caráter social, cultural e, sobretudo, seu sentido ético e profissional. Nesse espaço, imagens de publicidade, de informação, de arte, de ficção, de entretenimento podem se converter em propostas pedagógicas criativas cujo reconhecimento depende da possibilidade de expô-las, fazê-las circular e, sobretudo, incorporá-las à prática pedagógica.

Professores e alunos estão diariamente expostos à cultura visual e, como tal, são vulneráveis às imagens e objetos que os cercam. Trabalhar pedagogicamente com essas imagens, temas e questões ajuda a entender como e porque certas influências são construídas, e a desenvolver uma compreensão crítica em relação às representações e artefatos da cultura visual. Ajuda, sobretudo, a vivenciar e aprender um sentido de discernimento e autocrítica. Como perspectiva educativa, a cultura visual pode propiciar a alunos e professores oportunidade para discutir e se posicionar sobre dilemas morais, sociais e éticos que afligem e demandam a atenção das sociedades contemporâneas.

Na cultura visual, para trabalhar a formação de alunos não apenas como uma iniciação, mas, principalmente, como processo de conhecimento, é necessário criar vínculos com as pectos ou momentos de vivências significativas que se constroem nas experiências vividas e podem se refletir de maneira surpreendente no percurso educativo dos estudantes.

Imagens visuais podem reforçar diferentes sentidos conferidos à formação educacional, aproximando alunos dos problemas relacionados ao contexto social e cultural em que vivem. Aquilo que somos e aquilo que sonhamos, de alguma maneira, são as coisas que nos motivam e dão sentido à nossa vida; são as coisas que queremos compreender e interpretar. Ao identificar, escolher e reconstruir experiências visuais significativas e formadoras, o aluno cria espaço para interpretar momentos ou aspectos de seu cotidiano buscando uma compreensão de si mesmo e de experiências vividas que, desafiadoras, sofridas ou decepcionantes, podem ser transformadas em aprendizagem.

A cultura visual, além de ocupar uma parte considerável do cotidiano de professores e alunos, rompe com a experiência estática da apreciação e “suscita uma compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e da representação visual, de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vincula” (EFLAND, 2004, p. 229). A construção de um olhar crítico, acompanhada de um sentido de responsabilidade, pode funcionar como antídoto à crescente manipulação e inesgotável diversidade de imagens que nos interpela, assedia e sitia no cotidiano.

Os princípios pedagógicos que a cultura visual propõe demandam uma mudança nos objetivos e na prática das artes visuais, ampliando temas e conteúdos, mas, principalmente, incorporando “um registro inclusivo de imagens, artefatos, instrumentos e aparatos, bem como a experiência de indivíduos mediados e em rede em um século XXI globalizado” (TAVIN, 2005, p. 17).

Educar para a cultura visual não implica na formulação de regras para o olhar e nem tão pouco em generalizar modos de ver e interpretar, até mesmo porque interpretação e compreensão de imagens são processos que refletem repertórios de vida e subjetividades. Assim, é fato que nossos modos de ver e interpretar imagens se fundamentam em sistemas pré-estabelecidos que não só tendem a

influenciar o olhar como a incitar comportamentos e atitudes. Resquícios de uma cultura moderna ainda prevalecem em abordagens imagéticas pretensamente objetivas, formais e que ainda aspiram universalizar significados. (VALENÇA, PEREIRA e MARTINS, 2008, p. 245)

Desse modo, a cultura visual desestabiliza, desloca e expande as fronteiras, buscando mudar algumas práticas instituídas do sistema das belas artes. Em decorrência, enfrenta muitas críticas, mas gera tensões, inquietações e divergências que disturbem visões curriculares estabelecidas criando novas demandas artísticas, educacionais e institucionais.

DESLOCAMENTOS NAS ABORDAGENS DE PERCEBER E INTERPRETAR

Imagens e artefatos artísticos são construções que resultam de fazeres, práticas e expressões individuais e/ou coletivas que articulam agenciamentos políticos e culturais. São manifestações/expressões que revelam aspectos das experiências de intercâmbio e conflito dos indivíduos como intérpretes da vida e do mundo, aspirando e projetando perspectivas, partilhando e compartilhando artefatos artísticos, imagens e visualidades como fruto de práticas culturais que se integram a diferentes redes de relações e significados, as quais eles se incorporam e participam a seu modo.

Existir é, antes de tudo, fazer-se presente e ser reconhecido em espaços públicos, simbólicos, que funcionam como arenas abertas ao debate e à exposição de ideias, imagens e produções que ganham legitimidade por meio de recíprocas interações entre autor/artista, produção/objeto artístico, público/audiência. Este argumento nos permite afirmar que todo conhecimento humano é, de algum modo ou em alguma medida, um tipo de interpretação.

A interpretação institui, ambienta e legitima o princípio de heterogeneidade, núcleo central das

reflexões pós-estruturalistas. Essas reflexões mesclam práticas de inclusão e exclusão, concepções sobre o conceito de autor e autoria, articulando teorias sobre o sujeito, identidades e subjetividades que nos interpelam desde as imagens e artefatos artísticos. Tais reflexões criam deslocamentos conceituais, perceptivos e temporais que nos ajudam a compreender que a vida e, de maneira especial, o cotidiano, é construído a partir de fragmentos de ideias, desejos e ações vividos, momentos voláteis que transbordam na tentativa de se organizar no tempo e no espaço, pedaços de existência sobre os quais refletimos e compreendemos como partes, unidades e descontinuidades.

Esses deslocamentos criam uma condição dinâmica que se manifesta como resistência e/ou predisposição, gerando instabilidades e inconstâncias que se oferecem como alternativa para não nos acomodarmos ao conforto de convicções rígidas, assertivas e inflexíveis. Deslocamentos e condição dinâmica geram necessidades que se apresentam como fronteiras porosas, como interstícios, espaços de trânsito que possibilitam e integram fluxos divergentes de ideias, imagens e artefatos artísticos do presente.

Hoje, podemos afirmar que a realidade tornou-se inseparável das imagens e da ficção porque vivemos em um mundo interpretado, mundo que muda e se transforma exigindo renovadas, constantes e múltiplas re-descrições e interpretações. Essa nova configuração ideológica, conceitual, política e imagética do mundo contemporâneo coincide com uma renovação epistemológica que a cultura visual se propõe a realizar na atualidade. Transformações que se intensificam de modo crescente, iniciativas que incorporam deslocamentos em noções rígidas sobre espaço, local e temporalidades para modos flexíveis de estudar e compreender arte e imagem. Esses modos contemplam múltiplas maneiras de ver e novas abordagens de perceber e interpretar. Esses novos

modos de ver buscam dar sentido ao fragmento, ao emergente, ao mutável, ajudando-nos a compreender o mundo em que vivemos as relações entre arte, imagem, visualidade e poder.

PATHWAYS AND ROUTES OF IMAGE AND ART IN EDUCATION

Abstract

Based on an educational perspective this article approaches art and image as cultural matrix emphasizing its diverse forms to produce and mediate values and meanings. It analyzes visual experience and its repertoires articulating them as fluxes and transits between objective and subjective knowledge. The text examines pedagogical work with visual artifacts as condition for students and teachers to participate and interact in spaces of diversity and difference. The concept of interpretation is discussed as political and cultural agency that attends to the epistemological and methodological renovation that visual culture proposes to achieve.

Keywords: Visual culture. Pedagogical work. Interpretation.

REFERÊNCIAS

- EFLAND, A. *Educación artística y cognición*. Barcelona: Octaedro, 2004.
- HERNÁNDEZ, F. *Catadores da Cultura Visual* – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MARTINS, R. Narrativas Visuais: Imagens, Visualidades e Experiência educativa. *VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UNB*. v. 8, n. 1, p. 33-39, jan./jun. 2009.

MITCHELL, W. J. T. Mostrando el Ver: Unacritica de la cultura visual. *Estudios Visuales 1*. Murcia: Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo, p. 17-40, noviembre, 2003.

SETTON, M. G. *Mídia e Educação*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

TAVIN, K. Openingre-marks. Critical antecedents of visual culture in art education. *Studies in Art Education*, n. 47 (I), p. 5-22, 2005.

VALENÇA, K.; PEREIRA, A.; MARTINS, R. Um Olhar Formatado. *Visualidades – Revista do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual*. v. 6, n. 1 e 2, p. 243-255, 2008.

Enviado em 07 de junho de 2011

Aprovado em 30 de junho de 2011